

BAIANA: O MOSAICO

MARC FAVERJON
GROUPE SPÉLÉO BAGNOLS MARCOULE

Após 12 horas desgastantes de estrada, chegamos no dia 04 de junho à Agrovila 23. Apesar da hora tardia, o Zé nos serve uma refeição, que é bem-vinda. Rapidamente começam as discussões a respeito do programa e dos objetivos a serem estabelecidos. A borda norte do maciço já foi percorrida e bastante explorada durante a expedição de '99 e por isso constitui interesse menor. O Boqueirão será o grande destaque, assim como o setor da Lapa dos Peixes, onde também resta ainda muito a fazer. No sul do maciço, o calcário parece diminuir de espessura, oferecendo muito poucas esperanças de descobertas.

Para nos guiar, possuímos os mapas a 1/100 000 e, coisa inédita, fotos aéreas do local, que o Ezio conseguiu encontrar após os pedidos insistentes do Jef. O mistério será saber se o maior esforço foi feito pelo Ezio para conseguir as fotos, ou por Jef tentando convencê-lo da utilidade das mesmas.

O estudo desses clichês torna-se a primeira ocupação séria na Agrovila. Sem planos pré-estabelecidos, focalizamos a nossa atenção na silhueta de um cânion de 2km de comprimento situado na extremidade sul do maciço, ao fundo de uma grande chanfradura do relevo. O estereoscópio não

permitem ver se se trata de um verdadeiro cânion ou de um efeito de sombra num vale anódino. Portanto, essa silhueta possui o mérito de suscitar nossa curiosidade.

Em razão da hora tardia na qual acordamos, o dia seguinte será um dia incompleto, aproveitado pela metade. Aproveitamos esse meio dia para iniciar uma série de prospecções em diferentes áreas. Benoît, Olivier, Jacques, Joël e Gilles

Após a primeira semana
passada na Agrovila,
os objetivos potencialmente
interessantes derreteram como neve
ao sol ou como gelo
numa cavidade brasileira.

sobem o planalto de Kombi para tentarem aproximar-se pelo alto da área fatídica, enquanto Jef, Valérie, Pedro, Augusto e eu começamos uma jornada em direção à borda sul do maciço. De início precisamos encontrar o caminho até a fazenda do Quinca, ponto no extremo sul do que tinha sido percorrido em 1999. São Jef e Pedro que se saem melhor nesse exercício de memória, levando-nos quase sem desvio até a fazenda. Prosseguimos então, e após um percurso de 1:30 horas desde a Agrovila chegamos à Fazenda Baiana. Uma vez lá, aproveitamos para traçar um mapa de acesso preciso, com a ajuda do GPS e do odômetro da Kombi, haja vista

que as estradas vicinais atuais não são mostradas em nossos mapas.

Pedro e Augusto começam a conversar na fazenda: "sim, existem mesmo algumas grutas com água a uma hora de caminhada e uma fonte, mas sem gruta, a uns 8km do outro lado". Já são duas horas da tarde. Devido ao adiantado da hora (anoitece às 18:00 horas nesta época do ano) temos só o tempo de dar uma olhada nessas grutas com água. Atravessamos então a planície, por uma distância de mais ou menos 2km, guiados por dois camponeses. A grande época colonial da Europa está definitivamente encerrada. Prova disto é que não temos outra alternativa a não ser

andar atrás dos autóctones, estes montados em cavalos. No fim da planície o terreno sobe, sendo agora formado de lapiás magníficos, e acaba por nos levar na direção de três pequenas grutas, decapitadas pela erosão, e a uma falha de lapiás um pouco mais profunda que as outras, no fundo da qual circula uma pequeninha drenagem. Realmente isto não corresponde às nossas expectativas e voltamos para o acampamento um pouco decepcionados. Do outro lado, a equipe "planalto" encontra caminhos que permitem chegar até a extremidade sul do maciço. Entretanto, diante do que eles descobrem, a decepção é ainda maior: filito por toda parte. Não

há carste, com exceção da borda do maciço, com camadas ridículas. Esquecemos rapidamente o tão belo cânion identificado nas fotos e, a partir de então, concentramos nossa atenção em outros objetivos.

Após a primeira semana passada na Agrovila, os objetivos potencialmente interessantes derreteram como neve ao sol ou como gelo numa cavidade brasileira. Já se fala em transferir o acampamento para Descoberto, sobre o planalto, a fim de prospectar um novo setor. A idéia de ter que deixar em breve a região provoca em nós um mal-estar inconsciente, fazendo-nos lembrar do fracasso do primeiro dia. O programa do dia seguinte incluirá, então, nova prospecção na área da Fazenda Baiana. Benoît, Gilles, Pedro e eu formamos uma equipe, enquanto os outros nos concedem mais um dia, que talvez não gere resultado algum. É um capricho nosso, que não perturba o bom andamento da expedição. Conforme disse, o pessoal da fazenda já tinha afirmado que não havia grutas lá, somente uma fonte.

Deixamos a Kombi em frente à Fazenda Baiana e seguimos por uma vereda muito boa, indo rumo ao norte em direção ao fundo da chanfradura. Depois de uma hora de caminhada embaixo do sol, chegamos a uma antiga fazenda abandonada. Gastamos, então, mais de uma hora para descobrir três pequenas grutas nos paredões ao redor, além de uma pequena fonte utilizada no passado. Em seguida, continuamos o caminho em direção ao nosso objetivo ainda distante, a mais de 5km de vôo rasante. Dois quilômetros além da

fazenda abandonada as paredes do maciço afunilam-se e formam um belo cânion de uma centena de metros de largura por uns quarenta metros de profundidade. Por volta do meio-dia chegamos à ressurgência, desta vez a legítima, nomeada *Gruna Grande*. O lugar é bonito, muito bonito mesmo: a *Gruna Grande* é uma grande concavidade na margem esquerda do cânion seco, existindo em sua base uma grande fonte de uns 15m de diâmetro. O recorte de uns 50m interceptou 2/3 de uma galeria fóssil situada uns 30m acima do nível da água. Essas duas galerias tornam-se rapidamente impenetráveis, mas correntes de ar filtrando de seus respectivos estreitamentos terminais dão uma boa idéia do potencial da área. Estamos cada vez mais convencidos de seu interesse, apesar do que falam os nativos.

Conhecíamos agora os limites
do sistema a partir das partes superiores
do cânion Baiana até a ressurgência
da *Gruna Grande*, distante
5km da parte inferior.
Cinco dias inteiros de prospecção
foram necessários para a busca [...]

Depois de uma parada em frente à fonte prosseguimos em direção à drenagem existente acima do cânion. O caminho que seguimos até então termina na *Gruna Grande*. Nossa progressão torna-se então mais lenta.

Depois de quinze minutos de caminhada descobrimos uma primeira entrada na margem direita orográfica do cânion. Visitamos rapidamente a cavidade, por uma distância de mais ou menos 200m, a qual mais tarde será batizada de Baianinha. 100m mais acima o cânion se divide em duas partes. Seguimos então o ramal da direita, em direção ao nosso famoso

objetivo das fotos aéreas, ainda distante mais de 2km. A menos de 50m da encruzilhada uma entrada na parede esquerda chamou nossa atenção. Atingimos sem dificuldade a boca de aproximadamente 10 x 5m. Acendemos nossas lanternas e entramos na cavidade. Logo ficamos muito surpresos pela descoberta de marcas de rocha patinada na descida que fica logo após a entrada: "muitas pessoas devem ter passado por aqui". Continuamos então nossa rápida descida até chegar ao fundo de um pequeno poço sem continuação: "Devemos ter perdido alguma coisa interessante!". A continuação se encontrava à direita, próxima à entrada. Após 20m de descida dentro da bela galeria chegamos a uma esplêndida clarabóia de 2m de diâmetro pendendo de uma grande

galeria subjacente. A corrente de ar violenta que sopra de lá leva-nos a um grau máximo de excitação. Pedro inicia a descida e chega em uma galeria de 20m

de largura x 8m de altura. 100m acima, 100m abaixo, "é evidente que a gruta começa muito bem! E se encontra água logo no início". A rocha polida vista na entrada servia de passagem para os índios que, sem dúvida alguma, iam abastecer-se de água dentro da gruta. Felizes pela descoberta, voltamos à boca de entrada, ficando muito atentos. Como já foi possível constatar no Boqueirão e dentro de outras numerosas cavidades da região, os índios costumavam pintar as paredes das grutas onde apanhavam água. Então será que aqui também fizeram o mesmo? Uma rápida

inspeção da boca nos permite descobrir novas pinturas: um pássaro, um animal dificilmente identificável e desenhos geométricos. Sem dúvida poderíamos tê-los visto durante nossa primeira passagem se nós não estivéssemos tão concentrados na exploração espeleológica, mas é difícil mudar assim de uma hora para outra.

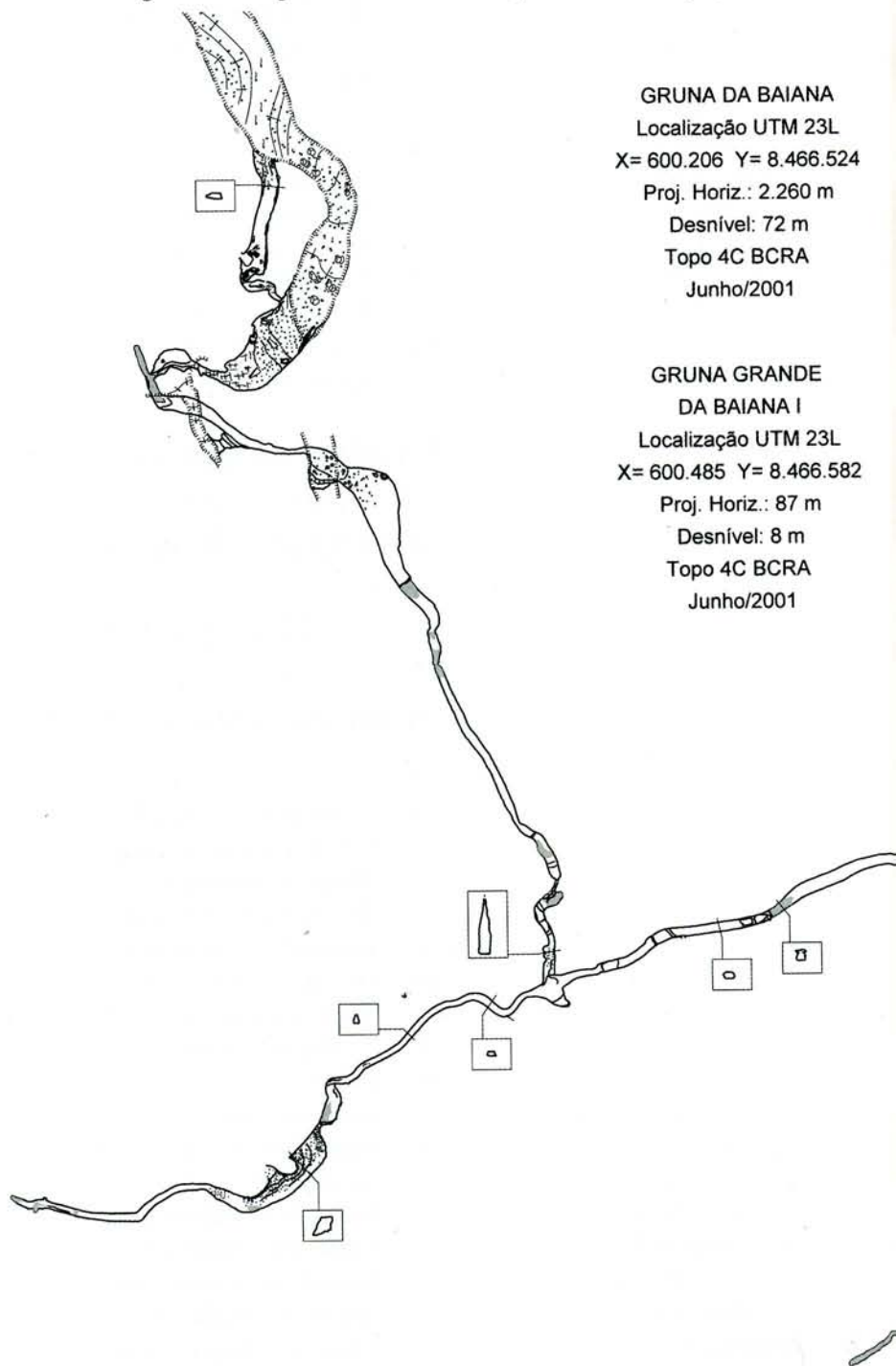
A gruta Baiana que acabamos de encontrar é a primeira cavidade descoberta pela equipe de maneira autônoma, sem a ajuda dos autóctones, somente com o estudo dos mapas e fotos aéreas. A esse respeito, é curioso constatar que os fazendeiros, morando a alguns quilômetros de lá, ignoram totalmente a área e as grutas, que devem ter sido habitadas numa época tardia pelos índios, que desapareceram do maciço por volta de 1930, com a chegada dos camponeses.

Nesse dia já fizemos muito mais descobertas do que esperávamos. Resolvemos, assim, mudar nosso objetivo: ao invés de fotografar o cânion, consagrar o restante do dia à procura de um acesso à Baiana pelo alto do maciço. Voltamos ao encontro dos dois cânions e subimos pelo da esquerda em direção ao planalto. Exploramos várias novas pequenas grutas e descobrimos, em uma delas, outras pinturas rupestres na parede esquerda (margem direita orográfica). A partir da encruzilhada, a uns 100m, o cânion se divide de novo. Para grande desespero do Pedro, que queria seguir à direita, pegamos o caminho da esquerda. O cânion afunila-se até atingir uns poucos metros apenas de largura. Escalamos e passamos então dois desníveis de uns 10m antes de atingir o planalto no meio de um magnífico campo de lapiás, totalmente inextricável: com certeza não é por aqui que encontraremos um acesso fácil à Baiana!

No dia seguinte subimos a Baiana com Pedro, Gilles e Lília a fim de começar a exploração da gruta Baiana. Durante o dia topografamos 600m e paramos, a jusante, sobre um estreitamento e um desnível de 10m; num outro trecho a montante, sobre uma represa de travertino intransponível sem o material necessário. Uma segunda equipe, formada por Joël, Benoît, Guy, Olivier, Regina e Guilherme seguiram de perto a

exploração, realizando seqüências para o nosso filme. Uma terceira equipe, composta por Jean-Loup, Jacques, Jef e Valérie descobriu, a partir do planalto, um acesso mais fácil, abrindo um caminho que passamos a seguir para chegar até a gruta Baiana. Este caminho encontra o cânion principal pelo cânion da direita, o qual chamamos de "Pedro"!

Logo no dia seguinte a gruta foi de novo explorada. Uma equipe com



GRUTA DA BAIANA
Localização UTM 23L
X= 600.206 Y= 8.466.524
Proj. Horiz.: 2.260 m
Desnível: 72 m
Topo 4C BCRA
Junho/2001

GRUTA GRANDE
DA BAIANA I
Localização UTM 23L
X= 600.485 Y= 8.466.582
Proj. Horiz.: 87 m
Desnível: 8 m
Topo 4C BCRA
Junho/2001

Ezio, Pedro, Joël, Jacques e Guilherme continua a explorar a parte de cima, numa distância de 700m, até uma abóbada muita inundada, sem corrente de ar na rede principal e uma escalada estimada em 30m numa galeria anexa. Ao mesmo tempo, Guy, Jef, Valérie e eu seguimos pelo lado oposto durante 200m até um desnível, em cima do qual a rosca do batedor quebrou deixando-nos presos ao nosso triste destino de exploradores frustrados.

Benoît, que não desistiu de seu projeto de fotos aéreas, conduziu uma terceira equipe rumo norte em direção ao nosso famoso primeiro objetivo: o cânion da foto. Nessa altura, sabíamos da existência de uma magnífica cavidade a jusante do sistema, mas sem ter podido ainda atingir nosso objetivo.

Subindo o vale seco, onde se abre a entrada de Baiana, essa equipe chegou no topo do planalto e descobriu, sucessivamente, dois

imensos abismos, assim como a extremidade de um cânion profundo, todos os três com uns 60m de profundidade. As paredes verticais desses três acidentes e a falta de equipamento necessário à progressão vertical impediram, neste dia, o acesso à ampla galeria subjacente (essa curiosa aventura é relatada no artigo "Pelas cores da dama Baiana", espécie de "espeleopoesia" brasileira). A equipe, de volta a Descoberto, tinha a certeza de ter encontrado a origem de Baiana (as descobertas futuras confirmarão esta hipótese). À noite, neste terceiro dia, conhecíamos uma esplêndida cavidade de, até então, 1,5km de extensão, a área a jusante de um sistema e três novas entradas presumidas dentro do que pensávamos ser o montante do sistema.

Logo no dia seguinte Jef, Olivier, Valérie, Daniel e Gilles equiparam o cânion e exploraram 300m de grandes galerias, entrecortadas de represas de travertino de dimensões igualmente grandes, até o topo de um desnível estimado em 10m.

Benoît, Guy, Ezio, Lília, Joël, Christian e eu formamos a segunda equipe que desenrolou 100m de corda para poder acessar o fundo do cânion Baiana. Na parte inferior abre-se uma galeria que permitiu encontrar, após uma passagem aquática, o fundo do cânion e da grande clarabóia. Mas era em direção à parte superior que desejávamos progredir a fim de atingir o último ponto das extremidades do sistema e conseguir, enfim, delimitar as fronteiras do mesmo. Continuamos nossa progressão num cânion largo de uns 40m x cerca de 60m de elevação. O fundo é extremamente desnivelado, subindo e descendo por uma distância de uns 50m. À nossa esquerda deixamos duas entradas graciosas, obcecados como

GRUNA DA BAIANINHA

Localização UTM 23L

X= 600.321 Y= 8.466.493

Proj. Horiz.: 724 m

Desnível: 16 m

Topo 4C BCRA

Junho/2001

GRUNA DA GRANDE

DA BAIANA II

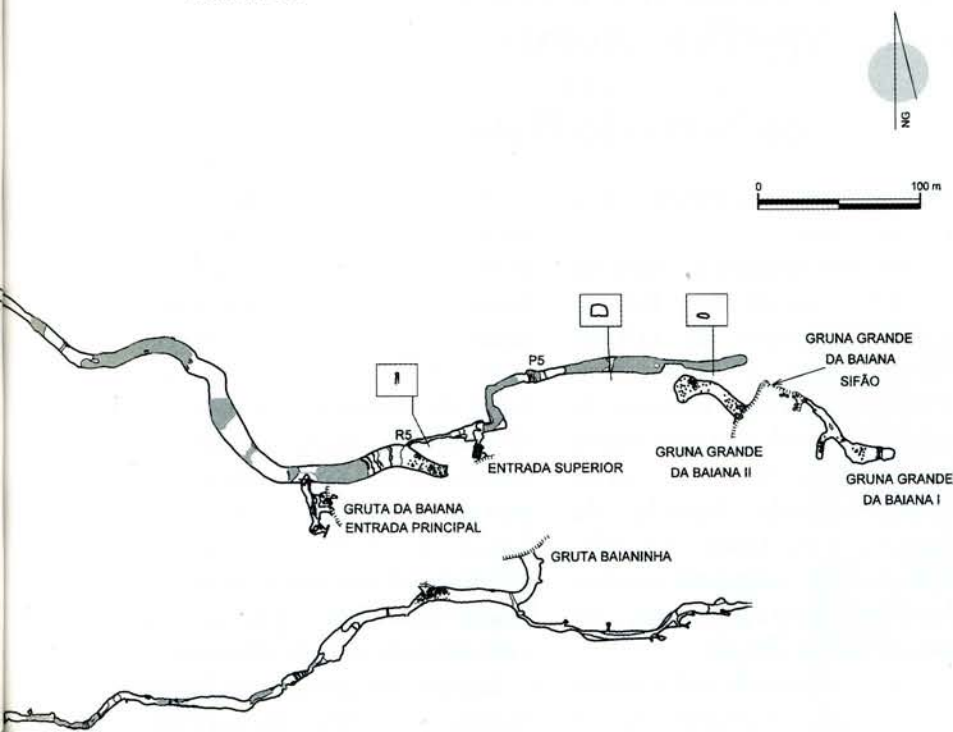
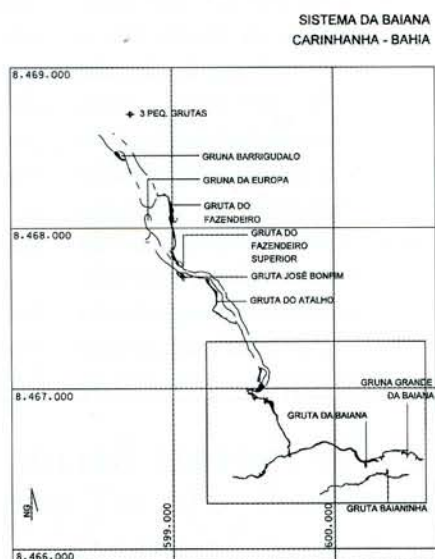
Localização UTM 23L

X= 600.454 Y= 8.466.582

Proj. Horiz.: 47 m

Topo 4C BCRA

Junho/2001



Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas
Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

estávamos pela busca de uma hipotética saída em direção ao planalto. Subimos os últimos metros e chegamos rapidamente a uma casinha, ocupada por um velho camponês que nos indicou o caminho de volta, onde alcançamos nossos veículos.

Conhecíamos agora os limites do sistema a partir das partes superiores do cânion Baiana até a ressurgência da Gruna Grande, distante 5km da parte inferior. Cinco dias inteiros de prospecção foram necessários para a busca, sem falar dos vários dias de explorações subterrâneas.

Terminada esta primeira fase, tivemos ainda a tarefa de realizar a junção dos pedaços do mosaico que ficavam espalhados em cima da mesa. Na Baiana estávamos parados numa escalada e por um sifão na via principal. O trecho da direita que chegou a ser explorado até a base de uma escalada nos pareceu a melhor opção para uma junção, em razão da direção que parecia seguir. Do lado do

Cânion, percorremos 300m. Estimamos o trecho que faltava em aproximadamente 400m, o que representa uma distância muito mais importante na Baiana devido à presença de represas de travertino particularmente difíceis de ultrapassar.

No dia 16 de junho, Benoît, Guy, Daniel, Chester e eu organizamos uma nova e última expedição no cânion, obstinados que estávamos em realizar a junção. Levamos vários kits de material (cordas, furadeira, ancoragens...) Informamos ao Chester, entusiasmadíssimo pela possibilidade de junção com a Baiana, que o dia que teríamos

pela frente talvez não fosse muito tranquilo, e que poderíamos passar a noite sob a terra, se fosse preciso. Atingimos rapidamente o último ponto topográfico deixado na véspera pela outra equipe. Concluímos a topografia dos 150m de galerias, trabalho que não havia sido realizado por falta de equipamento. Chegamos no desnível final e equipamo-lo pela esquerda, buscando alguns cm² de rocha que não estivesse podre demais para fixar dois spits. Guy foi o primeiro a atingir o declive de argila situado na base do desnível para descobrir que ele não havia sido o primeiro a passar por lá. Ele avançou seguindo os degraus talhados na lama uns dias antes pela equipe que tinha explorado o fundo da Baiana. A junção havia se realizado. Faltavam exatamente 10,20m a percorrer, e não 400 m

muito incompleto. A primeira equipe conseguiu a junção do primeiro sumidouro (aquele que fica mais abaixo) com o Cânion e realizou em seguida uma transversal de 600m de comprimento no cânion Baiana entre as entradas 2 e 3. A segunda equipe explorou mais acima a entrada 4, numa distância de uns 100m, até uma extensão de água e a entrada 5, rebatizada "Gruta do Fazendeiro". Depois de 660m dentro de muitas largas galerias cortadas por passagens mais estreitas por entre os blocos, desembocou num novo cânion de superfície: a extrema parte superior do cânion Baiana, que se inicia apenas 200m mais acima, no contato com o filito.

O último pedaço do mosaico foi descoberto 4 dias mais tarde por Joël durante um dia de filmagem: uma ampla entrada de uns 30m de diâmetro correspondendo ao ponto preto que nos intrigava tanto na foto aérea e que acabávamos de atribuir a um defeito da foto.

As grutas do sistema Baiana formam um sistema que possui perto de 7km de comprimento, estendendo-se tanto sob a terra quanto na superfície, numa região particularmente selvagem da Serra do Ramalho.

como havíamos pensado dez minutos antes.

Uma hora depois saíamos da gruta pela boca da gruta Baiana. Ao mesmo tempo, Jef, Gilles, Olivier, Joël e Jean-Loup exploraram o trecho inferior da Baiana, não podendo prosseguir por causa de um sifão correspondendo àquele da ressurgência da Gruna Grande. Vinte metros, segundo nossos relatórios topográficos, os separam da luz do dia.

A última jornada no sistema Baiana foi consagrada à exploração das entradas do cânion na parte superior, área onde o mosaico estava ainda

As grutas do sistema Baiana formam um sistema que possui perto de 7km de comprimento, estendendo-se tanto sob a terra quanto na superfície, numa região particularmente selvagem da Serra do Ramalho. As paisagens são impressionantes, tanto do lado de fora como no subsolo. As pinturas rupestres, presentes nas bocas de entradas de três cavidades do cânion, juntam-se à beleza natural do lugar e confere a ele uma certa aura mística.

Esperamos que este pedacinho de cânion conserve ainda, durante muito tempo, sua beleza selvagem, longe das mazelas do mundo.

Après 12 heures de route éprouvantes, nous arrivons ce 4 juin à Agrovila 23. Malgré l'heure tardive, le Zé nous sert un repas qui nous permet de nous poser un peu. Rapidement les discussions sur le programme et les objectifs à voir, démarrent. La bordure nord du massif a déjà été parcourue lors de l'expédition 99 et se trouve donc bien dégrossie et de moindre intérêt. Le Boqueirão est le gros morceau, mais il y a aussi le secteur de la Lapa dos Peixes où il reste beaucoup à faire. Au sud du massif, il semblerait que le calcaire s'amenuise en épaisseur et n'offre que très peu d'espoir de découvertes.

Nous avons pour nous guider les cartes au 1/100 000 et, chose nouvelle pour cette édition 2001, des photos aériennes de la zone qu'Ezio a fini par dégotter devant les demandes insistantes de Jef. On ne saura pas si le plus grand effort aura été fourni par Ezio pour trouver les photos, ou par Jef pour le convaincre de l'utilité de ces dernières !

L'étude de ces clichés sera notre première occupation sérieuse à Agrovila. Sans concertation préalable, nous nous focalisons sur la marque d'un canyon de 2 km de long situé en bordure sud du massif, au fond d'une grande échancrure du relief. Les lunettes stéréoscopiques ne nous permettent par contre pas de voir si il s'agit d'un vrai canyon ou d'un effet d'ombre dans un vallon anodin. Cette trace a cependant le mérite de titiller notre curiosité.

Le lendemain n'est qu'une demi-journée opérationnelle, compte tenu de l'heure tardive de notre réveil. Nous en profitons pour lancer une série de prospections sur différentes zones. Benoit, Olivier, Jacques, Joël et Gilles montent sur le plateau en combi pour tenter de se rapprocher par le haut de la zone fatidique. Avec Jeff, Valérie, Pedro et Augusto, nous lançons un repérage vers la bordure sud du massif.

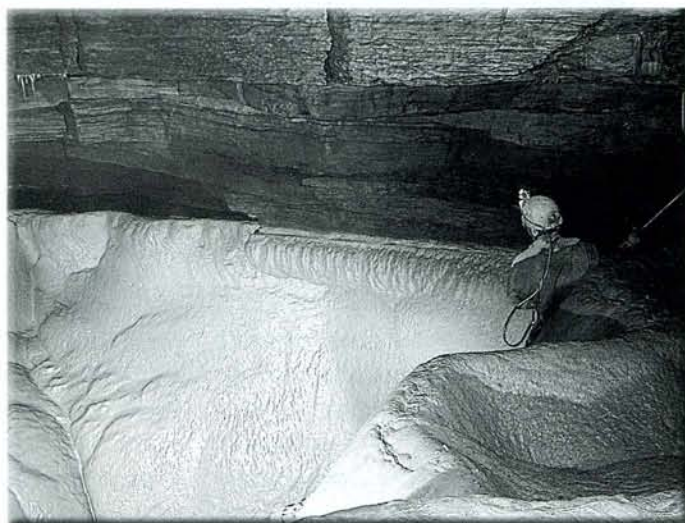
Il nous faut tout d'abord retrouver la piste pour rejoindre la Fazenda de Quinca, terminus sud des repérages effectués en 1999. Jeff et Pedro réussissent assez bien cet exercice de mémoire en nous amenant presque sans détour à la fazenda. Nous poursuivons alors notre chemin et atteignons, au terme de 1h30 de piste depuis Agrovila, la Fazenda Gruta Baiana. Nous en profitons pour réaliser un plan d'accès précis à l'aide du GPS et du compteur kilométrique du combi. Les pistes actuelles ne sont en effet pas du tout mentionnées sur nos cartes.

Pedro et Augusto entament la discussion à la fazenda : "oui, il y a bien quelques grottes avec de l'eau à 1 h de marche, et une source, mais sans grotte, à environ 8 km de l'autre côté". Il est déjà 2 h de l'après-midi ; compte tenu de l'heure (le soleil se couche à 18 h), nous avons juste le temps de voir ces grottes avec l'eau. Nous traversons alors la plaine sur 2 km environ, guidés par deux paysans. La grande période coloniale de l'Europe est décidément bien révolue : nous sommes contraints de marcher à pied derrière les autochtones à cheval ! Au bout de la plaine, nous nous élevons sur le lapiaz magnifique et sommes conduits vers trois petites grottes décapitées par l'érosion, et une fente de lapiaz un peu plus profonde que les autres au fond de laquelle circule un tout petit actif. Cela ne correspond décidément pas à ce que nous espérions et nous rentrons un peu déçus au camp. De l'autre côté, l'équipe " plateau " trouve des pistes permettant de se diriger jusqu'à la bordure sud du massif, mais reste encore

plus dépitée que nous par ce qu'elle y voit : de la latérite partout, pas de karst, sauf vraiment en bordure du massif, et avec des puissances de couche ridicules. Nous oublions vite notre si beau canyon repéré sur les photos et nous dirigeons sans frémir vers d'autres objectifs.

Au terme de la première semaine à Agrovila, les objectifs intéressants ont fondu comme neige au soleil ou glace dans une cavité brésilienne. Il est déjà question de transférer le camp à Descoberto sur le plateau pour prospecter un nouveau secteur. Le fait de devoir quitter prochainement la zone nous interpelle inconsciemment et nous rappelle notre échec du premier jour. Nous inscrivons donc au programme du lendemain un nouveau repérage de la zone de Gruta Baiana. L'équipe est composée de Benoit, Gilles, Pedro et du signataire. Les autres nous laissent perdre la journée là-bas parce que notre caprice ne gêne pas la bonne marche de l'expé. Dans tous les cas, les gens de la Fazenda avaient bien dit qu'il n'y avait pas de grottes par là, mais seulement une source.

Nous laissons le combi devant la Fazenda Gruta Baiana et empruntons un très bon sentier se dirigeant plein nord vers le fond de l'échancrure. Au bout d'une heure de marche sous le soleil, nous atteignons une vieille fazenda abandonnée. Nous perdons alors plus d'une heure pour repérer trois petites grottes dans les falaises alentour et une petite source jadis captée. Puis nous reprenons la route vers notre objectif, encore distant de plus de 5 km à vol



Travertino na
Gruta Baiana
Foto:
Jean François Perret

d'oiseau. 2 km en amont de la fazenda abandonnée, les parois du massif se resserrent et donnent naissance à un beau canyon d'une centaine de mètres de large pour une quarantaine de mètres de profondeur. Vers midi nous arrivons à la résurgence, la vraie cette fois-ci, dénommée Gruna Grande. Le site est beau, même très beau : Gruna Grande est une grande reculée en rive gauche du canyon asséché, avec à sa base une grande vasque d'une quinzaine de mètres de diamètre. La reculée, d'une cinquantaine de mètres, a recoupé deux tronçons d'une ancienne galerie fossile perchée à une trentaine de mètres au-dessus du niveau de l'eau. Ces deux galeries sont rapidement impénétrables mais cependant parcourues par des courants d'air filtrant de leurs respectives trémies terminales. Elles en disent déjà long sur le potentiel de la zone. Et malgré les dires des locaux, nous sommes de plus en plus convaincus de l'intérêt de celle-ci. Après une pose devant la vasque, nous poursuivons vers l'amont du canyon. Le sentier que nous suivions jusqu'alors s'arrête à Gruna Grande. Notre progression vers l'amont devient donc beaucoup plus lente.

Au bout d'un quart d'heure de marche, nous découvrons une première entrée en rive droite orographique du canyon. Nous parcourons rapidement la cavité, dénommée par la suite Baianina (la petite Baiana) sur 200 mètres environ. 100 mètres plus en amont, le canyon se divise en deux. Nous suivons alors la branche de droite en direction de notre fameux objectif des photos aériennes, toujours distant de plus de 2 km. A moins de 50 m du croisement, notre œil est attiré par une entrée en paroi gauche. Nous atteignons sans difficulté le porche de près de 10 x 5 mètres. Nous nous armons de nos frontales et descendons dans la cavité. Nous sommes tout de suite frappés par la découverte de traces de roche patinée dans la descente faisant directement suite à l'entrée : "beaucoup de monde a dû passer par là". Nous continuons alors à descendre comme des bourrins jusqu'à nous retrouver au fond d'un petit puits sans suite : "on a dû rater quelque chose !". La suite était sur la droite juste à l'entrée. Nous dévalons la belle galerie sur 20 mètres pour arriver

sur une superbe lucarne de 2 mètres de diamètre surplombant une grande galerie sous-jacente. Le courant d'air violent qui s'en échappe pousse notre excitation à son comble. Pedro se lance dans la descente et prend pied dans une galerie de 20 mètres de large pour 8 mètres de haut ; 100 mètres en amont, 100 mètres en aval, "c'est clair, la grotte part très bien ! Et on trouve de l'eau dès le début". La patine de la roche, vue à l'entrée, avait donc bien été causée par le passage des indiens qui avaient sans aucun doute l'habitude de venir puiser l'eau dans la cavité. Heureux de notre découverte, nous regagnons le porche d'entrée en ouvrant nos yeux. Comme on avait déjà pu le constater dans le Boqueirão et dans de nombreuses autres cavités de la région, les indiens peignaient les parois des cavités leur servant de réservoir d'eau. Alors pourquoi pas aussi ici ? Un très rapide tour du porche nous permet de découvrir, comme escompté, de nouvelles peintures : un oiseau, un animal mal identifié et des dessins géométriques. Nous aurions sans aucun doute pu les voir dès notre premier passage si nous avions été un peu moins omnibulés par l'exploration spéléologique, mais on ne se refait pas comme ça.

Gruta Baiana, que nous venons d'explorer, est la première cavité découverte par l'équipe au Brésil de façon autonome sans l'aide des locaux mais seulement d'après l'étude des cartes et photos aériennes. Il est à ce titre curieux de constater que les fazendeiros habitant à quelques kilomètres de là ne connaissent pas du tout le secteur, ni ces grottes qui ont dû être habitées tardivement par les indiens qui disparurent du massif en 1930 avec l'arrivée des paysans.

Cette journée a été riche en découvertes et a dépassé nos espérances. Nous abandonnons le canyon de la photo, qui était notre objectif premier, pour consacrer la fin de la journée à la recherche d'un accès à Baiana par le haut du massif.

Nous retournons à la confluence des deux canyons et empruntons celui de gauche que nous remontons en direction du plateau. Nous explorons plusieurs nouvelles petites grottes, dont une abritant d'autres peintures rupestres en paroi gauche (rive droite orographique).

Quelques centaines de mètres en amont de la confluence, le canyon se redivise. Nous prenons toujours la voie de gauche, au grand dam de Pedro qui lui, voulait aller à droite. Le canyon se resserre pour ne faire plus que quelques mètres de large. Nous franchissons alors deux ressauts d'une dizaine de mètres en escalade, puis débouchons sur le plateau au milieu d'un lapiaz superbe mais complètement inextricable : ce n'est sûrement pas par là que nous trouverons un accès facile à Baiana !

Nous remontons le lendemain avec Pedro, Gilles et Lilia à Baiana pour initier l'exploration de Gruta Baiana. Ce jour-là, nous topographions 600 m dans la cavité. Nous nous arrêtons en aval sur une trémie et un ressaut de 10 m dans une autre branche, et sur un gours infranchissable sans matériel en amont. Une deuxième équipe composée de Joël, Benoît, Guy, Olivier, Regina et Guilherm suit de près l'exploration en réalisant des séquences pour notre film.

A partir du plateau, une troisième équipe regroupant Jean-Loup, Jacques, Jeff et Valérie, découvre un accès aisé, et trace le chemin que nous utiliserons désormais pour nous rendre à Gruta Baiana. Ce chemin débouche dans le canyon principal par le canyon de droite dit "de Pedro" !

La grotte est réinvestie dès le lendemain. Une équipe comprenant Ezio, Pedro, Joël, Jacques et Guilherm poursuit l'amont sur 700 mètres jusqu'à une voûte très mouillante, sans courant d'air dans le réseau principal, et une escalade estimée à 30 mètres dans une branche annexe. Dans le même temps, Guy, Jeff, Valérie et Marc poursuivent en aval sur 200 mètres jusqu'à un ressaut au sommet duquel la tête du tamponnoir a la mauvaise idée de se casser, nous laissant à notre triste sort d'explorateurs frustrés.

Benoît, qui se réfère toujours aux photos aériennes, mène une troisième équipe vers le nord et notre fameux objectif premier : le canyon de la photo. En effet, à ce stade de la compétition, nous avons mis la main sur une très belle cavité et tout l'aval d'un système. Mais nous n'avons pas encore pu atteindre notre objectif.

Remontant la vallée sèche où s'ouvre l'entrée de Baiana, cette équipe débouche au sommet du plateau et découvre successivement deux vastes gouffres ainsi que l'extrémité d'un canyon, tous trois profonds d'une soixantaine de mètres. Les parois verticales de ces trois accidents et le manque d'équipement de progression verticale empêcheront, ce jour-là, tout accès à la vaste galerie sous-jacente [cette curieuse aventure est relatée dans l'article: "Pour les couleurs de dame Baiana", sorte de "spéléo-poésie" brésilienne]. L'équipe, de retour à Descoberto, est persuadée d'avoir trouvé l'origine de Baiana (les découvertes futures confirmeront leur hypothèse).

Au soir de ce troisième jour, nous avons donc une très belle cavité accusant désormais 1,5 km de développement, tout l'aval d'un système, et trois nouvelles entrées présumées dans ce que nous pensons être l'amont du système.

Dès le lendemain, Jeff, Olivier, Valérie, Daniel et Gilles équipent Canhão et explorent 300 mètres de grandes galeries, entrecoupées de tout aussi grands gours, jusqu'au sommet d'un ressaut estimé à 10 mètres.

La deuxième équipe composée de Benoît, Guy, Ezio, Lilia, Joël, Christian et Marc déroule 100 mètres de cordes pour pouvoir accéder au fond du canyon Baiana. En aval s'ouvre une galerie béante permettant de rejoindre, après un passage aquatique, le fond de Canhão et de la grande Claraboie. Mais c'est bien vers l'amont que nous souhaitons aller, ceci afin de pousser à bout les limites du système et d'arriver enfin à en cerner les contours. Nous progressons dans un canyon large d'une quarantaine de mètres et haut d'une soixantaine. Le fond est extrêmement accidenté, tout d'abord remontant, puis descendant sur cinquante mètres. Nous laissons sur notre gauche deux entrées avenantes, tout omnubilés que nous sommes par la recherche d'une hypothétique sortie vers le plateau. Le canyon redevient remontant, puis de nouveau descendant sur 50 mètres jusqu'à une nouvelle entrée sur la gauche, puis sur la droite 50 mètres plus loin. 100 mètres de plus et il remonte de nouveau, puis s'estompe cette fois-ci pour

de bon en bordure du plateau. Nous gravissons les derniers mètres de la pente avant de vite rejoindre une petite bicoque occupée par un vieux paysan qui nous indique le chemin vers nos véhicules.

Nous connaissons désormais les limites du système depuis les amonts du canyon Baiana jusqu'à la résurgence de Gruna Grande, 5 kilomètres plus en aval. La recherche nous aura demandés pas moins de cinq journées complètes de prospection, sans compter les nombreuses journées d'explorations souterraines.

Cette première phase réalisée, il nous reste encore à jonctionner les morceaux du puzzle que l'on a éparpillé sur la table. Dans Baiana nous sommes stoppés sur une escalade et un siphon dans la branche principale. Vu la direction qu'elle prend, la branche de droite, arrêtée au pied d'une escalade, nous semble la meilleure option pour espérer une jonction. Côté Canhão, nous avons parcouru 300 mètres. Nous estimons le tronçon manquant à quelque 400 mètres, ce qui n'est pas rien dans Baiana, étant donné la présence de gours particulièrement difficiles à franchir.

Le 16 juin, nous nous organisons avec Benoît, Guy, Daniel et Chester pour un ultime assaut dans Canhão avec la volonté farouche de réaliser la jonction. Nous avons plusieurs kits de matériels (cordes, perfo, amarrages...) avec nous. Nous précisons à Chester, venu avant tout pour découvrir Baiana, que la pointe ne sera peut-être pas très tranquille et que l'on pourrait bien passer la nuit sous terre si cela s'avère nécessaire. Nous sommes vite rendus au terminus topo de l'équipe de la veille. Nous bouclons les 150 mètres de galeries qu'ils n'avaient pas pu topotés à cause des difficultés d'équipement rencontrées, et arrivons sur le ressaut terminal. Nous l'équiperons par la gauche en recherchant quelques centimètres carrés de roche pas trop pourrie, pour y planter deux amarrages. Guy le premier prend pied sur le talus d'argile, à la base du ressaut, pour découvrir qu'il n'est pas le premier à passer par là. Il progresse dans les marches creusées dans la boue quelques jours auparavant par l'équipe aillant exploré le fond de Baiana. La jonction est faite. Il manquait exactement 10 mètres 20 à parcourir, et

non 400 mètres comme nous le pensions 10 minutes plus tôt.

Une heure plus tard, nous revoilà à la lumière du jour dans le porche de Gruta Baiana.

Dans le même temps, Jeff, Gilles, Olivier, Joël et Jean-Loup explorent la fin de l'aval de Baiana et viennent buter sur un siphon en correspondance avec celui de la résurgence de Gruna Grande. 20 mètres, selon nos reports topographiques, les séparent du jour.

La dernière entreprise dans le système Baiana est consacrée à l'exploration des entrées du canyon amont, secteur où le puzzle est encore très incomplet. La première équipe relie la première perte (la plus en aval) à Canhão, puis réalise une traversée de 600 mètres de long sous le canyon Baiana, entre les entrées 2 et 3. La deuxième équipe explore plus en amont l'entrée 4 sur une centaine de mètres jusqu'à un plan d'eau, et l'entrée 5, rebaptisée Gruta do Fazendeiro. Après 660 mètres de progression dans de très larges galeries entrecoupées de passages plus étroits dans les blocs, ils débouchent dans un nouveau canyon de surface : l'extrême amont du canyon Baiana, qui prend naissance à peine 200 mètres plus en amont au contact avec les latérites.

Le dernier morceau du puzzle est reconstitué 4 jours plus tard par Joël lors d'une journée vidéo : une vaste entrée d'une trentaine de mètres de diamètre qui n'était autre que le point noir qui nous intriguait tant sur la photo aérienne, et que nous avions fini par attribuer à un défaut du cliché.

Les grottes du système Baiana forment un réseau se développant sur près de 7 kilomètres de long, tantôt sous terre, tantôt à l'air libre, dans un secteur particulièrement sauvage de la Serra do Ramalho. Les paysages sont époustouffants aussi bien à l'extérieur que sous terre. Les peintures rupestres présentes dans les porches d'entrée de trois cavités du canyon s'ajoutent à la beauté naturelle du lieu et lui confèrent, en plus, un petit côté mystique.

Nous espérons que ce petit bout de canyon gardera encore longtemps sa beauté sauvage, loin des bruits de notre monde.